

A REPRODUÇÃO DA PESCA ARTESANAL NO TERRITÓRIO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO LOURENÇO, GOIANA (PE) E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE

THE REPRODUCTION OF ARTISANAL FISHING IN THE TERRITORY OF THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF SÃO LOURENÇO, GOIANA (PE) AND ITS RELATIONSHIP WITH HEALTH

LA REPRODUCCIÓN DE LA PESCA ARTESANAL EN EL TERRITORIO DE LA COMUNIDAD QUILOMBOLA DE SÃO LOURENÇO, GOIANA (PE) Y SU RELACIÓN CON LA SALUD

João Paulo Gomes de Oliveira

joao.pgoliveira@ufpe.br

Anselmo César Vasconcelos Bezerra

anselmo@recife.ifpe.edu.br

RESUMO

Os pescadores e pescadoras artesanais são expostos a diversos riscos socioambientais durante a realização de suas atividades, esses riscos estão envolvidos em dimensões e movimentos complexos que determinam as condições de vida e saúde desses trabalhadores. O objetivo deste artigo é descrever o comportamento da dimensão tecnoeconômica da reprodução social da comunidade quilombola de São Lourenço (Goiana/PE). Esta pesquisa configura-se como um estudo de caso, com caráter descritivo ancorado na análise qualitativa dos dados com base no modelo explicativo do fenômeno da reprodução social da saúde desenvolvido por Juan Samaja (2000). A reprodução social da comunidade quilombola de São Lourenço envolve dimensões macro e micro estruturantes, como as desordens do capitalismo, racismo ambiental e estrutural, as condições dos ambientes naturais e as relações tecidas nos locais de trabalho. As transformações socioeconômicas devem respeitar o modo de vida tradicional da comunidade quilombola de São Lourenço.

Palavras-chave: comunidades tradicionais, trabalho, meio ambiente e saúde; saúde ocupacional.

ABSTRACT

Fishermen and artisanal fisherwomen are exposed to various socioenvironmental risks during the performance of their activities, these risks are involved in complex dimensions and movements that determine the living and health conditions of these workers. The aim of this article is to describe the behavior of the technoeconomic dimension of social reproduction in the quilombola community of São Lourenço (Goiana/PE). This research is configured as a case study, with a descriptive character anchored in the qualitative analysis of data based on the explanatory model of the phenomenon of social reproduction of health developed by Juan Samaja (2000). The social reproduction of the quilombola community of São Lourenço involves macro and micro structuring dimensions, such as the disorders of capitalism, environmental and structural racism, the conditions of natural environments and the relationships woven in the workplace. Socioeconomic

transformations must respect the traditional way of life of the quilombola community of São Lourenço.

Keywords: traditional communities, work, environment and health; occupational health.

RESUMEN

Los pescadores y pescadoras artesanales están expuestos a diversos riesgos socioambientales durante el desempeño de sus actividades, estos riesgos se involucran en dimensiones y movimientos complejos que determinan las condiciones de vida y salud de estos trabajadores. El objetivo de este artículo es describir el comportamiento de la dimensión tecnoeconómica de la reproducción social en la comunidad quilombola de São Lourenço (Goiana/PE). Esta investigación se configura como un estudio de caso, con carácter descriptivo anclado en el análisis cualitativo de datos a partir del modelo explicativo del fenómeno de la reproducción social de la salud desarrollado por Juan Samaja (2000). La reproducción social de la comunidad quilombola de São Lourenço involucra dimensiones macro y micro estructurantes, como los desórdenes del capitalismo, el racismo ambiental y estructural, las condiciones de los ambientes naturales y las relaciones tejidas en el lugar de trabajo. Las transformaciones socioeconómicas deben respetar el modo de vida tradicional de la comunidad quilombola de São Lourenço.

Palabras Claves: comunidades tradicionales, trabajo, medio ambiente y salud; salud ocupacional.

INTRODUÇÃO

Na pesca artesanal, a reprodução social é entendida tanto em função das condições objetivas (trabalho, renda, alimentação) quanto de estruturas simbólicas das relações dos pescadores com os ambientes naturais, a cultura local e os modos de saber-fazer das comunidades pesqueiras (SAMAJA, 2000; PASCOTTO, 2005). Uma das principais características da pesca artesanal é a dependência direta das comunidades com os recursos naturais para a sua existência. Desse modo, os ambientes naturais representam o meio que viabiliza a sobrevivência social, econômica e cultural das comunidades tradicionais pesqueiras e proporcionam que tais grupos desenvolvam modos diversos de viver, que ultrapassa a dimensão econômica e torna-se um elemento importantíssimo para as dinâmicas societárias (DIEGUES, 2004; RAMALHO, 2019).

A atividade pesqueira é suscetível aos diversos impactos que os ambientes naturais são acometidos. Também é classificada pela Organização Internacional do Trabalho – OIT (Convenção nº 188, 2007) como uma das atividades econômicas mais desgastantes, pelo esforço físico e pela extensa jornada de trabalho, além de perigosa para a segurança e saúde do trabalhador devido aos instrumentos utilizados e ao ambiente que estão inseridos. Estes ambientes são fundamentais para a manutenção do modo de vida tradicional das

populações litorâneas desde a pré-história e o impacto sobre esses ambientes acarreta uma série de transformações na reprodução social pesqueira (WAGNER; SILVA, 2020).

Os riscos presentes na pesca artesanal podem ser compreendidos como ergonômicos, acidentes laborais, exposição a poluentes e contaminantes, extensas e exaustivas jornadas de trabalho, violência decorrente da exclusão social, como a precariedade dos serviços fundamentais ofertados aos pescadores e pescadoras. Não obstante, os riscos ocupacionais e o reflexo nas condições de saúde dos profissionais da pesca artesanal são potencializados devido a inexistência de políticas preventivas e a precariedade do sistema previdenciário, dificuldade de acesso aos serviços essenciais como escola, habitação digna, saneamento básico, transporte, serviços de saúde e meios de comunicação (STADTLER, 2015; FREITAS; RODRIGUES, 2015).

Diversos autores fundamentam que existe uma rede de interações complexas que determinam a condição de saúde-doença de uma comunidade a partir da sua relação com o trabalho (BOURDIEU; PASSERON, 1975; SAMAJA, 2000; ALMEIDA-FILHO, 2004; SANTOS, 2018; MEDEIROS, 2018). Diante desta perspectiva, esse estudo tem as seguintes perguntas condutoras: Como se reproduz o trabalho pesqueiro no território da comunidade quilombola de São Lourenço, Goiana-PE, e como a pesca artesanal local se comporta diante dos desafios socioeconômicos atuais?

A comunidade quilombola de São Lourenço situa-se no distrito de Tejucupapo, no município de Goiana/PE, onde se presencia uma mudança significativa na estrutura socioprodutiva, na medida em que grandes empreendimentos industriais aportaram na região, como o polo industrial da Jeep/Fiat, a indústria de Vidro Planos – VIVIX e a Empresa Brasileira de Hemoderivados e Biotecnologia – Hemobrás. Além disso, essa comunidade convive historicamente com as problemáticas resultantes da expansão dos canaviais para a produção sucroalcooleira e instalação de empreendimentos de carcinicultura nas proximidades do seu território.

Assim, o objetivo deste artigo é descrever o comportamento da dimensão tecnoeconômica da reprodução social da comunidade quilombola de São Lourenço (Goiana/PE), diante dos processos de transformações socioeconômicas e espaciais que o município experimenta, como a expansão agrícola e industrial. De modo que para entender a reprodução social pesqueira local e os efeitos dessas transformações, é necessário

descrever o perfil desses sujeitos, os conflitos no âmbito laboral, as condições ocupacionais e seus respectivos impactos à saúde desses trabalhadores.

METODOLOGIA

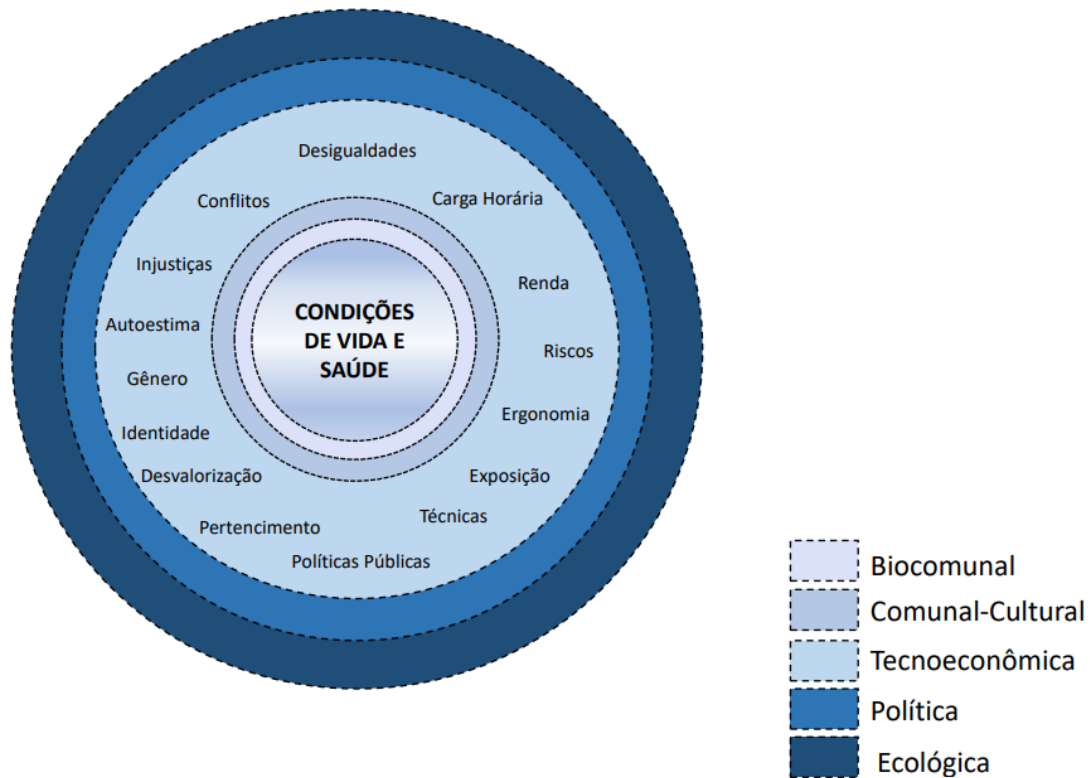
A metodologia utilizada para a construção deste estudo, configura-se, segundo Patton (2002) e Gil (2002) como um estudo de caso que envolveu revisão de literatura, entrevistas e observação direta, objetivando reunir informações detalhadas e sistemáticas. A pesquisa teve caráter descritivo, pois se propõe a expor características de determinada população ou fenômeno (GIL, 2007), ancorando-se na análise qualitativa dos dados. Conforme Minayo (2017 p.1) essa abordagem preocupa-se com a “dimensão sociocultural que se expressa por meio de crenças, valores, opiniões, representações, formas de relação, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas”.

Desse modo, a fonte primária do estudo foram entrevistas semiestruturadas realizadas com sete (7) lideranças comunitárias que representam socialmente e culturalmente o território da comunidade quilombola de São Lourenço. Enquadraram-se neste critério: lideranças quilombolas, pescadores e marisqueiras. A seleção dos participantes se deu segundo o método da Bola de Neve, no qual cada entrevistado indica outro possível, de acordo com os critérios estabelecidos (VINUTO, 2014). A identidade dos sujeitos entrevistados será preservada e os mesmos serão identificados no texto conforme a ordem cronológica da aplicação das entrevistas. Além disso, as falas dos entrevistados foram mantidas na íntegra para não comprometer o argumento dos mesmos.

Como fontes secundárias, foi realizada uma revisão de literatura acerca das temáticas abordadas. Esse processo se deu através de buscas em portais específicos (SciELO, *ScienceDirect*, Periódicos da Capes, *Google Scholar*, banco de teses e dissertações).

As entrevistas realizadas *in loco* e os trabalhos encontrados nas buscas dos portais acadêmicos foram organizados e analisados com base no modelo explicativo do fenômeno da reprodução social da saúde desenvolvido por Juan Samaja (2000), no qual propõe observar quatro níveis da reprodução social (biocomunal, comunal-cultural, tecnoeconômica, ecológico-política). Contudo para este trabalho, apresentar-se-ão os desdobramentos das reproduções tecnoeconômicas (Figura 1), dentro do universo pesqueiro contemplado pelo labor dos trabalhadores e trabalhadoras da comunidade quilombola de São Lourenço.

Figura 1 - Categorias analíticas da reprodução social e elementos analisados na dimensão tecnoeconômica.



Fonte: Autor com base em Samaja (2000).

Conforme Samaja (2000, p. 60) a reprodução tecnoeconômica compreende os processos pelos quais os seres humanos produzem seus meios de vida material e imaterial. Através deste prisma, o estudo irá observar as mudanças da configuração do modo de trabalho, as condições ocupacionais, os riscos socioambientais e os processos de sociabilidades presentes no trabalho pesqueiro e outros elementos e processos basilares descritos na Figura 1.

A REORGANIZAÇÃO DA PESCA ARTESANAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO LOURENÇO FRENTE AOS NOVOS DESAFIOS: A RESISTÊNCIA COMO PILAR DE DESENVOLVIMENTO

A comunidade quilombola de São Lourenço é um território quilombola e pesqueiro, localizado a 65 quilômetros da capital Recife, no distrito de Tejucupapo, zona rural do município de Goiana, Pernambuco. O remanescente do Quilombo de Catucá possui aproximadamente 3.600 habitantes, distribuídos em aproximadamente 900 famílias,

com etnia predominantemente negra. A comunidade situa-se numa zona de tabuleiro costeiro, próxima ao litoral do município de Goiana, mais precisamente, limítrofe às praias de Carne de Vaca (NE) e Ponta de Pedras (SE).

Os limites da comunidade são ocupados por plantações de cana-de-açúcar, monocultura secular e uma das principais bases econômicas do município. No seu limite sul, encontra-se, também, a Reserva Extrativista (Resex) Acaú-Goiana. A Resex é uma área de suma importância para as comunidades tradicionais dos estados de Pernambuco e da Paraíba. Sua área compreende biomas marinhos e costeiros comportando os ecossistemas de manguezal, restinga, uma pequena faixa de mata atlântica e parte do oceano, contabilizando uma área de 6.676,69 hectares (ICMBIO, 2007).

Historicamente a população da comunidade quilombola de São Lourenço apresenta uma forte relação de dependência com os ambientes naturais locais, isto é, estuário, manguezal, rios, praias e o mar. Efetivada por meio da coleta e pesca de animais aquáticos (peixes, mariscos, sururu, caranguejos) de valor comercial. Wagner e Silva (2020) descrevem que as comunidades pesqueiras possuem uma relação profunda com o ambiente em sua volta, fundamentada, sobretudo, pela tradição e no conhecimento adquirido na convivência com estes locais, além dos processos vivenciados no Brasil que condicionaram os escravizados para as atividades pesqueiras.

Ramalho (2019) aponta que, por se tratar de um trabalho exaustivo e que demanda muito esforço e longa jornada de trabalho, a atividade pesqueira sempre esteve relacionada aos setores populares, exercida por homens brancos pobres, indígenas e por negros escravizados e ex-escravizados. Este retrato é presente na comunidade quilombola de São Lourenço. A relação dos moradores com a pesca se estabeleceu depois da desestruturação da agricultura familiar exercida pelo remanescente quilombola, seguido da substituição dos roçados por plantações de cana-de-açúcar e instalação de agroindústrias sucroalcooleiras. Paralelamente a esses processos, ocorreu a destruição das florestas de mata atlântica que existiam na região, somente restando a pesca artesanal como meio de sobrevivência da população local (BARBOZA *et al.*, 2008; OLIVEIRA, 2017).

Até os dias atuais, a pesca artesanal representa a principal atividade econômica, fonte de renda e de segurança alimentar dos sujeitos que compõem o território quilombola. Desse modo, a comunidade em questão é formada predominantemente por pescadores e pescadoras artesanais com histórico de luta em meio à expansão agrícola e industrial. A

mobilização política coletiva sempre ocorreu no território estudado. A comunidade quilombola de São Lourenço articula múltiplas categorias sociais identitárias expressas nas associações de pescadores artesanais, marisqueiras e quilombolas. Conforme Silva (2013, p. 23) essas “associações são fortalecidas por laços de parentesco, vizinhança, trabalho e religião”.

As associações comunitárias representam uma das diversas formas de resistência local e a atuação desses coletivos já conquistaram direitos importantes para o território. Silva (2013) descreve como essas associações comunitárias se articulam com o Estado em busca de direitos humanos básicos, como o acesso a água potável. Em seu trabalho a autora relata como essas associações se mobilizaram na implementação do “Projeto da Água¹” na comunidade e destacou o grande poder de transformação social que as ações dessas organizações possuem. Em outro caminho, Fadigas e Garcia (2010) dialogam sobre o protagonismo da associação de marisqueiras na participação da criação da Reserva Extrativista Acaú-Goiana. Entretanto, muitos direitos ainda precisam ser conquistados, principalmente, associados as condições de trabalho e saúde na pesca artesanal.

Na comunidade quilombola de São Lourenço o trabalho pesqueiro é árduo, cansativo e pouco valorizado. Esta desvalorização reflete tanto nas condições de vida e na saúde dos pescadores/as, quanto no seu perfil socioeconômico. O comércio dos pescados, geralmente, ocorre por meio de atravessadores. Conforme Campos *et al.* (2021), os atravessadores atuam na cadeia produtiva pesqueira como agentes de comercialização e estabelecem contato com a rede de compradores. O valor do pescado e o lucro do pescador diminui quando a venda se dá por intermédio de atravessadores. Barboza (2008) e Lopes (2017) observaram tal fato em seus estudos. Para Campos *et al.* (2021, p. 207) “os atravessadores pagam aos pescadores preços que têm, como parâmetro, um mercado que varia no sentido contrário em relação ao sucesso obtido na pescaria, ou seja, quanto maior for a quantidade de pescado capturada, menos eles recebem por quilograma do produto”.

De acordo com a Agência Estadual de Meio Ambiente – CPRH (2001) quando ocorre intermédio de atravessadores, o destino dos insumos são as feiras locais no distrito de Ponta de Pedras e a sede Goiana (PE), Peixinhos e Rio Doce, em Olinda (PE), entre

¹ O “Projeto da Água” refere-se à ação de infraestrutura para a ampliação do sistema de abastecimento de água através da construção de poços, reservatórios e rede de distribuição, implementada pelo governo do Estado de Pernambuco.

outras localidades da Região Metropolitana do Recife (RMR) e interior do estado de Pernambuco. Os insumos coletados pelos quilombolas percorrem o estado e alimentam famílias pernambucanas, no entanto, na precificação desses alimentos não se contabiliza as extensas jornadas de trabalho, o cansaço, os riscos ocupacionais, os medos e inseguranças que o trabalho no mar de dentro e o mar de fora² comportam.

Grande parcela dos trabalhadores das águas relataram que nunca exerceram outra atividade econômica além da pesca em alto mar e catação de moluscos e crustáceos. Tais sujeitos vivem com menos de um salário mínimo por mês, podendo variar de acordo com o período de veraneio e maior circulação de turistas no litoral: *“Fonte de renda aqui só é maré, pescaria, marisco, sururu... é a única renda, a gente não ganha salário”* (Entrevistado 6). Silva (2013) pontua que a renda da maré muitas das vezes é insuficiente para manter uma família aliado ao crescimento demográfico presente nas comunidades pesqueiras. O pescador, a sua renda e a atividade pesqueira historicamente sofrem uma série de impactos pelo modelo crescimento econômico que têm ocasionado sua desarticulação e transformações da reprodução social pesqueira.

Nesse contexto, Amaral *et al.* (2013) enfatiza que o quadro da pesca artesanal no Brasil vem mudando nos últimos anos, no qual a atividade vem sendo complementada ou mesmo substituída por outras fontes de renda. Esta situação é um reflexo da desvalorização da atividade pesqueira e desarticulação da pesca artesanal diante da injusta competição com empreendimentos que apresentam grande oferta de trabalho que pautam o novo, o moderno e a acumulação do capital, além da inserção da pesca empresarial em seus territórios e a consolidação das destrutividades do capitalismo³ nesse território.

Não diferente deste cenário, a comunidade quilombola de São Lourenço experimentou um processo de mudança na sua dinâmica socioeconômica através da inserção dos grandes empreendimentos no território goianense, tal achado é endossado por diversos autores como Ramalho *et al.* (2015), Lyra *et al.* (2015), Oliveira (2017), Araújo (2018), Bezerra e Bezerra (2018). Para os autores citados, a instalação do polo industrial coloca Goiana e suas comunidades e povoados tradicionais em uma fase de divisão

² O “mar de fora”, ou seja, o “mar oceânico”, representa uma demarcação espacial marítima oposta ao “mar de dentro”, relacionado àquele espaço entre a orla da praia e o mar das pequenas embarcações dos pescadores artesanais (ROMERO, 2021).

³ O uso indiscriminado dos recursos naturais é determinante para a destrutividade das condições de vida e afeta diretamente a saúde humana e dos ecossistemas.

territorial e social do trabalho, onde o rural cede lugar ao urbano, seja na questão fundiária, seja na questão do trabalho. Sendo assim, a territorialização do capital vem promovendo um conjunto de transformações destrutivas nos modos de vida tradicionais locais.

Diante deste panorama, os quilombolas de São Lourenço apresentaram-se atentos no que se refere a recente reconfiguração socioeconômica e cultural do município de Goiana que influi diretamente no seu território, como explana o entrevistado 1: *“Com a chegada da Jeep, muita gente trabalha na Jeep hoje, né? Posso falar que a Jeep tirou muita gente da Maré”*. Este rompimento significa, sobretudo, uma mudança brusca na reprodução social pesqueira da comunidade quilombola de São Lourenço, uma vez que o pescador como ser social passa a ser, também, um operário guiado pelo tempo cronológico e não mais pela dinamicidade da natureza.

A visão da comunidade quilombola de São Lourenço, no entanto, apresenta-se bastante dicotômica sobre os novos empreendimentos industriais, por ora, o novo polo de desenvolvimento econômico do estado de Pernambuco é representado por novas perspectivas de vida, garantia de estabilidade financeira, acúmulo de capital, viés não presente nas atividades pesqueiras, pois são dependentes dos ciclos e imprevisibilidades da natureza. *“Eles trouxeram benefícios porque eu digo muitos meninos que estavam na maré, muitas meninas que não sabiam o que fazer... fizeram cursos e até hoje estão na LEAR⁴”* (Entrevistado 7). Com base nesse argumento, é importante pensar nos moradores e moradoras de comunidades pesqueiras que não querem trabalhar com a pesca. Os sujeitos sociais devem ter o direito de escolher quais caminhos devem seguir através de múltiplas alternativas e oportunidades, embora nem sempre o trabalhador no capitalismo possui o direito de escolha, sendo assim, o trabalhador realiza o que está diante de suas possibilidades para manter suas necessidades básicas.

Por outro lado, os novos empreendimentos industriais são responsáveis por desmobilizar a cultura local e romper os ciclos históricos de transmissão de saberes locais no trabalho pesqueiro. A chegada dos grandes empreendimentos representa, em suma, para os entrevistados mais um modelo de exclusão social. Pois, a maior parcela dos moradores ocupam cargos e desempenham funções cujo piso salarial é de um salário mínimo. *“Tem*

⁴ A Lear Corporation é uma empresa americana do ramo de fabricação de assentos e sistemas elétricos automotivos a qual presta serviços para a Jeep/Fiat em Goiana.

gente que ainda trabalha na Jeep, muitas vezes o emprego é uma humilhação, né? Mas muita gente precisa, aí abriu vaga pra um bocado de gente” (Entrevistado 4).

Os entrevistados relataram que não há oportunidade de crescimento e promoção profissional dentro dos empreendimentos industriais. Esse cenário pode ser explicado pela necessidade dos empreendimentos em buscar pessoas qualificadas para certos tipos de funções. Por isso, a fábrica da Jeep contrata mais pessoas de Recife e João Pessoa, como afirma o entrevistado 5: “*Ela tá dando mais oportunidade pro pessoal de fora. Pela escolaridade também, escolaridade baixa*”. Ressalta-se que a baixa escolaridade dos pescadores e pescadoras é resultante da dificuldade histórica no acesso aos programas e políticas públicas de educação.

Diante deste cenário apresentado, Barcellos (2009) certamente indagaria: Quem sustenta tanto desenvolvimento? Qual seu custo e a quem impactará com mais força? Diante das provocações é afirmativo que desenvolver não é ceifar tradições e desorganizar modos de viver históricos. Além disso, a pesca artesanal se mantém viva no território da comunidade quilombola de São Lourenço diante de tempos incertos. Neste território, outrora a pesca artesanal era vista como uma forma de subsistência, todavia nos dias atuais como meio de resistência e reafirmação de sua identidade.

Essa resistência é nutrida, principalmente, por mãos de mulheres que tecem a reprodução social da comunidade e que ao mesmo tempo é o grupo mais vulnerável diante da complexidade dos desafios. Se a atividade pesqueira é desvalorizada e o pescador sofre os impactos, como já mencionado anteriormente, certamente, as mulheres sofrem potencialmente mais.

Oliveira (2017) realizou um estudo de caso com as marisqueiras da comunidade quilombola de São Lourenço que se tornaram operárias. Nos anos de 2015 e 2016 a empresa americana *LEAR Corporation* contratou mulheres marisqueiras para o trabalho de costura dos bancos automotivos. A autora pontua que a primeira grande transformação na vida das mulheres pesqueiras, ao se inserir no trabalho fabril, foi a separação entre vida e trabalho. Entretanto, as desigualdades de gênero persistiram no âmbito do trabalho, tanto na fábrica quanto na pesca, tal como no âmbito familiar. Na mariscagem, a rotina das quilombolas de São Lourenço corriqueiramente torna-se desgastante devido às condições ambientais as quais são expostas e a extensa jornada de trabalho, como aponta a entrevistada 6:

Quando a maré tá cedo (refere-se ao hidro período da maré), a gente sai de cinco horas da manhã e retorna uma ou duas horas da tarde, quando é pra cozinhar em casa. E quando é pra cozinhar lá a gente passa o dia todinho. A gente cozinha na maré, né? Debulha o marisco e vem embora já com o marisco debulhado, só pra entregar.

O cozimento dos moluscos citado pela entrevistada ocorre em fogão a lenha, tal ação pode acarretar em riscos à saúde humana efetivados, principalmente, problemas no trato e sistema respiratório. A mariscagem, em geral, é exercida por mulheres. O trabalho das marisqueiras envolve a extração, cozimento, beneficiamento e comercialização dos mariscos, que contabilizam uma jornada de trabalho entre 6 e 9 horas diárias. Os mariscos são coletados diariamente das croas, isto é, os bancos de sedimentos móveis que aparecem conforme o regime hidrológico da maré.

As marisqueiras da comunidade quilombola de São Lourenço realizam suas atividades na área da Reserva Extrativista Acaú-Goiana (Figura 2) e nas praias de Ponta de Pedras, Tabatinga e Carne de Vaca (Goiana/PE) corriqueiramente desempenham o trajeto através de transporte coletivo, canoas e até mesmo a pé e com isso passam a maior parte do dia longe de casa, como narra a entrevistada 2: *“A gente custa muito pra ir e vir. A gente sai daqui de seis horas da manhã e chega aqui de uma, duas horas da tarde”*.

Figura 2 - Pescadores e marisqueiras exercendo seu labor no estuário do Rio Megaó, Goiana, Pernambuco.



Fonte: Autor, 2019.

A condição de saúde das marisqueiras da comunidade quilombola de São Lourenço é afetada, também, pela postura e movimentos realizados durante a extração dos moluscos (Figura 2). Além disso, as marisqueiras podem estar sujeitas a diversos poluentes e contaminantes presentes nos corpos hídricos decorrentes de atividades agrícolas e industriais. Esta realidade é reproduzida em diversas comunidades pesqueiras e expressa por Lopes *et al.* (2021, p. 2), os autores reforçam que “as marisqueiras vivenciam condições de trabalho em áreas inóspitas, com calor excessivo e ritmos extenuantes em atividades com movimentos repetitivos e cadências aceleradas, com sobrecarga nos membros superiores e em jornadas de doze ou mais horas diárias, com ausência de pausas”.

É notório nas falas dos entrevistados a insatisfação com a ausência de políticas públicas de saúde voltadas para a prevenção e o cuidado da saúde da mulher pescadora. De modo geral, os moradores relatam que as marisqueiras da comunidade quilombola de São Lourenço passam muito tempo submersas nas águas do estuário para realizar a catação de moluscos, como consequência muitas adquirem doenças por conta da poluição ambiental.

Quando a mulher está catando o sururu, ela corre o risco de pegar uma bactéria muito severa, né? Como eu tô te falando, se a comunidade... se as pessoas jogam o lixo na... polui o meio ambiente, polui aquele local e a mulher ela vai pra lá, fica abaixada o tempo todo pegando sururu, ela

pode contrair uma bactéria severa. Como já houve aqui, já houve casos desse tipo. (Entrevistado 1).

A fala do entrevistado corrobora com elementos da teoria da complexidade desenvolvida por Morin (2006), na qual todos os acontecimentos, ações (individuais ou coletivas), interações e determinações formam uma rede de conexões dinâmicas. Dentro desta rede o ambiente e saúde são integrados, inseparáveis e indissociáveis, onde os seres humanos e ecossistemas são um só corpo vivo.

Quando pautamos complexidade, trabalho e gênero é salutar destacar que o papel da mulher na cadeia produtiva da pesca artesanal vai além da atividade ocupacional (Lopes *et al.*, 2021). Além da pesca, as mulheres são responsáveis pelos trabalhos domésticos, como cuidar da casa e cuidar dos filhos e da alimentação. A mariscagem é desenvolvida pelas mulheres por se tratar de um atividade realizada no mar de dentro (rios, estuários, bancos de areias) e dessa maneira se localiza mais próximo das residências.

Na comunidade quilombola de São Lourenço as mulheres geralmente são acompanhadas de seus filhos e netos durante o labor (Figura 3). Esta realidade é descrita por Batista e Lima (2017, p. 59) “as crianças ainda com pouca idade a acompanham na pescaria e somente por volta dos oito ou dez anos de idade os meninos passam a acompanhar o pai, e as meninas a mãe”. Durante esse processo a cultura pesqueira é repassada de geração em geração, as crianças começam auxiliando seus pais e no decorrer dos anos adquirem os saberes pesqueiros e muitos seguem na profissão e dão continuidade a teia tradicional. Dessa forma, a reprodução social pesqueira e as primeiras sensações na pesca possuem embriões, em alguns casos, no início de vida dos pescadores e pescadoras futuros (BATISTA; LIMA, 2017).

Figura 3 - Marisqueira acompanhada do filho no labor pesqueiro.



Fonte: Autor, 2019

Entretanto, é de suma importância apontar que, em geral, as crianças acompanham seus pais no ofício pesqueiro (Figura 3) porque em algum momento o estado falhou. Esta lacuna pode ser representada pela ausência de políticas públicas sociais, como a criação e estruturação de creches locais, projetos culturais e de lazer e oferta de cursos para crianças e adolescentes. De acordo com os moradores, as mães não têm com quem e onde deixar os filhos, desta forma, restam-lhes levar os filhos para o ambiente de trabalho, evitando que os mesmos fiquem vulneráveis a eventuais riscos em casa por estarem sozinhos.

Batista e Lima (2017) exprimem o que ocorre no remanescente quilombola é bastante comum entre as comunidades pesqueiras nas quais as mães como não tem com quem deixar as crianças, os leva para a pesca, geralmente realizada no chamado mar de dentro, próximo da beira e nas proximidades da residência, tal situação termina por revelar um aspecto da assimetria existente na relação entre gêneros na pesca e as desigualdades presentes nesse universo.

TRABALHO, SAÚDE E MEIO AMBIENTE: ELEMENTOS COMPLEXOS E INTEGRATIVOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO LOURENÇO

As condições de vida e saúde das populações humanas são determinadas por processos complexos e sinérgicos, que envolvem a estrutura de produção, tipo de ocupação e condições de trabalho e renda (MEDEIROS, 2018). No campo ocupacional, os pescadores e pescadoras ficam expostos aos diversos elementos que podem influir nas condições de saúde, isto é, modificando as estruturas do processo saúde-doença-cuidado (LAURELL; NORIEGA, 1989). Por outro lado, o processo saúde-doença-cuidado influencia e é influenciado pelas dimensões da organização, divisão, processo e relações alicerçadas no ambiente de trabalho (SILVA; AMARAL, 2018).

Diante deste panorama, os elementos do campo ocupacional que influem sobre a condição de vida e saúde dos profissionais da pesca podem ser evidenciados nas falas dos entrevistados e na literatura. Barboza *et al.* (2008) realizaram um estudo socioeconômico com catadores de caranguejos da comunidade quilombola de São Lourenço e detectaram a precariedade nas condições de vida e saúde ambiental desses sujeitos, o baixo poder aquisitivo e desvalorização da mão de obra são fatores preponderantes para este cenário. Os moradores cobram ações mais efetivas na prevenção dos riscos ocupacionais da colônia de pescadores local: *“Aqui tem colônia, a gente paga a colônia, mas a gente paga, bem dizer, em vão. Eles não dão um chapéu, uma luva, uma camisa de proteção, nada”* (Entrevistado 2).

Os pescadores e pescadoras da comunidade quilombola de São Lourenço são expostos diariamente a riscos ergonômicos e ambientais. Além disso, estão sujeitos a diversos acidentes de trabalho como cortes (com os instrumentos de trabalho ou materiais perfurocortantes descartados de maneira irregular nos ambientes naturais). Neste contexto, os entrevistados relataram cortes nos membros superiores e inferiores devido a extração de ostras e ao uso de utensílios perfuro cortantes como foices, facas, pás e enxadas. Ademais, estes cortes também decorrem da presença de resíduos sólidos nesses ambientes, isto é, pregos, garrafas de vidros, peças de cerâmicas, entre outros. Além disso, devido a características do solo do manguezal ocorrem quedas e picadas por animais marinhos peçonhentos.

Tais riscos são potencializados através de fatores, os quais podem incidir em sintomas, doenças e agravos à saúde. Pontua-se que boa parcela dos problemas de saúde

listados, podem ser prevenidos através do uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI). No entanto, os achados demonstram que os trabalhadores desta categoria não recebem nenhum tipo de EPI. Tampouco possuem algum instrumento legal que incuba a distribuição por parte do poder público e/ou das associações presentes, bem como o uso por parte dos trabalhadores. Esta é uma realidade constatada, também, por Stadler (2015, p. 106), que enfatiza a ausência do poder público perante esta problemática, porém, a autora apresenta outra perspectiva, ou seja, os trabalhadores, por falta de instruções, não enxergam com bons olhos o uso de EPI “[...] afirmam que pesa, dá trabalho, é algo a mais para se preocupar, e é dispendioso”.

Sob o sol intenso e mergulhados na lama e água poluída, os pescadores e marisqueiras da comunidade quilombola de São Lourenço trabalham por diversas horas o que torna muito comum o aparecimento precoce de doenças, conforme pontua Stadler (2015, p. 95). O entrevistado 1 relata que os profissionais da pesca locais passam horas na maré “[...] de baixo de sol, muito quente, escaldante, então eles corre risco de ter câncer de pele”. Corroborando, Stadler (2015) afirma que exposição ao sol sem os devidos cuidados gera o risco de câncer de pele e envelhecimento precoce.

A exposição aos raios solares por longos períodos sem nenhum tipo de proteção e associado a técnicas caseiras para afastar insetos como mosquitos, moscas, entre outros, tem causado sérios problemas de saúde para os pescadores de São Lourenço:

Você vê, hoje eu uso óculos porque eu trabalhei no mangue, eu trabalhei na maré desde idade... Eu trabalhei na maré na época da minha mãe que as mulheres deixava de trabalhar na maré quando ia pra maternidade pra ter o filho, dessa época pra cá... eu nunca trabalhei fichado pra ninguém e toda vida eu trabalhei na maré. E hoje eu uso óculos por quê? A gente usava o quê? fumaça de pau atingindo a vista... hoje existe muita gente aqui com catarata, muitas coisas aqui através de quê? disso aí! (Entrevistado 3).

Reiterando o relato do pescador, Stadler (2015, p. 35) aponta que “[...] a alta claridade nos olhos afeta a visão podendo com o tempo provocar cegueira, glaucoma e catarata”. Tais problemas oftalmológicos agravam-se pela ausência de políticas públicas que garantam a oferta de serviços voltados para essa especialidade na comunidade, como reconhece o entrevistado 1: “Precisa de um olhar mais voltado para os trabalhadores daqui... É por que ninguém não pediu? Pede, mas só que infelizmente nós não somos atendidos”. Os problemas de saúde listados poderiam e podem ser evitados com ações integrativas e políticas de saúde

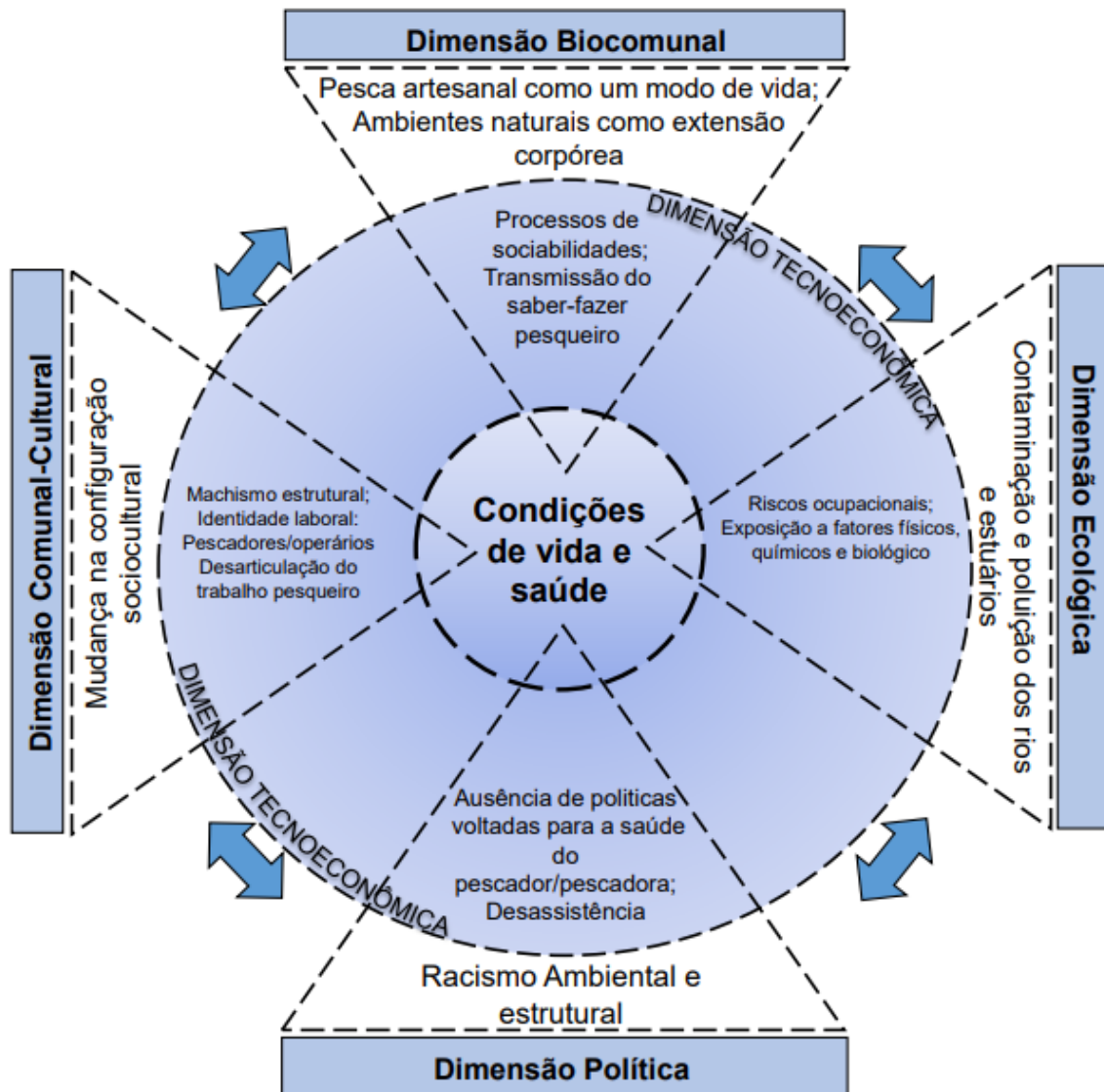
que pautam a prevenção, tratamento e monitoramento de doenças e condições de saúde dos trabalhadores da pesca artesanal.

A poluição a que estão sujeitos também protagoniza outro problema dermatológico como as cocêiras, frieiras e micoses: “*A gente pega, às vezes, fica se coçando, muitas vezes da bactéria. E a maioria que trabalha na pesca as unhas da gente é tudo doente, assim ó, fica tudo doente*” (Entrevistado 4). O trabalho pesqueiro, também, envolve riscos à saúde em função de lesões por esforços repetitivos e distúrbios osteomusculares, os trabalhadores da pesca relataram a presença de lesões por esforços repetitivos (LER) e deformidades ósseas relacionado às posturas no trabalho (DORT) provocados, em suma, pelo movimentos exercidos na mariscagem, tal como o lançamento da rede de pesca.

Como pode ser observado na Figura 4 a dimensão tecnoeconômica da reprodução social da comunidade quilombola de São Lourenço dialoga com todas as outras categorias analíticas desenvolvida por Juan Samaja (2000) em níveis micro e macrosociais: ecológico-política, tecnoeconômica, comunal-cultural, biocomunal.

Com base em Samaja (2000) a reprodução ecológico-política faz referência aos processos pelos quais os indivíduos ou grupos humanos devem restabelecer as relações de interdependência entre as condições territoriais/ambientais e a interdependência com as outras dimensões. Enquanto a reprodução tecnoeconômica se refere aos processos pelos quais o ser humano deve produzir seus meios de vida material, mediante atividades produtivas. Já a reprodução comunal-cultural é a capacidade que permite ao ser humano produzir, manter e transformar redes simbólicas. Por fim, dimensão biocomunal é a que permite aos membros da sociedade reproduzirem suas condições de organismos vivos sociais no dia a dia.

Figura 4 - Modelo interpretativo da reprodução social da comunidade quilombola de São Lourenço.



Fonte: Autor (2021) com base em Samaja (2000).

Segundo Medeiros (2018, p. 19) “a reprodução social não se realiza apenas na infraestrutura econômica, ela atravessa todo o edifício social, o que implica reconhecer as ações estatais no atendimento às demandas do ambiente social, como saúde, educação, saneamento, nutrição, segurança e lazer”. Nesse momento, enfatiza-se a face multidimensional da reprodução social. Desse modo, as dimensões se interpenetram e influenciam umas às outras.

Como pode ser observado (Figura 4), a reprodução social da comunidade quilombola de São Lourenço envolve dimensões macro estruturantes representadas pelo racismo ambiental e estrutural que fomenta ações políticas (ou ausência dessas ações) intencionais com o objetivo de bloquear e apagar a história dos povos quilombolas do Brasil. Ainda como macro estruturas, observa-se as recentes mudanças da configuração do trabalho e do território, as quais sofrem influências do sistema capitalista vigente, que perpassam conflitos microsociais de identidades e pertencimento, resultando em movimentos de afastamento e aproximação dos ciclos socioculturais históricos. Salienta-se que as dimensões macro estruturantes estão intrinsecamente associadas à lógica da reprodução do capital, a qual perpassa e transforma a reprodução social da saúde dos pescadores e pescadoras artesanais, por se tratar de forças potentes concentradas nas estruturas de poder e de tomadas de decisões.

A pesca artesanal como um modo de vida e os ambientes naturais (estuário, manguezais, praia e mar) como extensão corpórea, as condições desses ambientes naturais e as relações tecidas com esses elementos são basilares para a reprodução social pesqueira local. Através da perspectiva da reprodução social as condições de vida (material e imaterial) e saúde são reflexos da interação e conexão das macro e micro estruturas representadas por essas dimensões por intermédio de um movimento histórico, complexo e sistêmico.

Para além de toda a problemática já exposta, em agosto de 2019 o litoral do Nordeste brasileiro foi atingido pelo maior desastre ambiental provocado por vazamento de petróleo na história do país (ARAÚJO *et al.*, 2020). Este fato impactou profundamente a reprodução social pesqueira da comunidade quilombola de São Lourenço, embora não foi atingida diretamente pelas manchas oleosas, sofreu os efeitos danosos desse evento. Como a intensificação dos riscos ocupacionais, vulnerabilidades socioambientais, bloqueios no setor pesqueiro e quebra das sociabilidades marítimas. A tragédia socioambiental impactou diretamente a dimensão tecnoeconômica do território da comunidade quilombola de São Lourenço, como relatam os entrevistados:

Atingiu, não diretamente. Indiretamente, porque ninguém comprou. Ninguém compra. Então, assim, eles pegavam, o pessoal não tava querendo comprar, então sofreram, né? Nessa área, porque como é que vai trazer alimento pra casa se não consegue vender os crustáceos?

Então atingiu indiretamente, mas atingiu muito. O impacto foi grande. (Entrevistado 1).

E pra viver da pesca aqui... e principalmente depois desse petróleo, aí acabou ainda mais com a gente. Diminuiu a venda, diminuiu o pessoal a ir trabalhar, né? Você vê dia de hoje (sábado) o pessoal ia trabalhar, agora não vão mais por causa disso. Desse maldito! (Entrevistado 3).

A gente não tá conseguindo vender mercadoria, não. A gente tá tirando porque a gente tira bota na geladeira, tá na geladeira! A gente tá com a mercadoria tudo na geladeira. Que a gente num tá vendendo. Raramente a gente vende 1 quilo (kg) ou outro, mas fica mais na geladeira, armazenado na geladeira. (Entrevistado 4).

O derramamento de petróleo causou inúmeros prejuízos para os pescadores, marisqueiras, vendedores e atravessadores da Comunidade. O desastre socioambiental no litoral do Nordeste dificultou ainda mais as vendas dos insumos coletados na comunidade em questão, tendo como consequência três efeitos imediatos, isto é, a restrição dos alimentos coletados apenas para a família dos pescadores, e devido à escassez das vendas surge, então, a dificuldade de adquirir itens básicos como arroz, feijão, macarrão. Ademais, atrasos e inadimplência com contas a pagar (RAMALHO, 2019b; ARAÚJO *et al.*, 2020).

O universo da pesca artesanal está totalmente interligado com os ambientes naturais e com os processos sociais. Ao analisar a dimensão tecnoeconômica da reprodução social pesqueira nos deparamos com modos de viver diversos. A relação entre trabalho, ambiente e saúde na comunidade quilombola de São Lourenço é complexa e sistêmica. Haja vista que na pesca artesanal o trabalho e a vida são inseparáveis, corpo e ambiente formam uma só coisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho, a renda e as redes de sociabilidades construídas durante o labor nos ambientes naturais integram a reprodução social da saúde do território pesqueiro estudado. A pesca artesanal desenvolvida pelos moradores da comunidade quilombola de São Lourenço envolve inúmeros riscos ocupacionais e socioambientais, haja vista as condições dos recursos naturais e a precarização do trabalho que os profissionais são expostos diariamente. Para além dos riscos apresentados, os pescadores e pescadoras artesanais encontram-se desamparados e desassistidos pelo poder público. Faz-se necessário que a categoria seja ouvida, pelos diversos segmentos sociais, como poder público, iniciativa privada, comunidades epistêmicas.

As conquistas e os direitos assegurados são reflexos dos movimentos sociais de lutas e resistências locais, representados pelas associações de marisqueiras, pescadores e quilombolas. Pois, é importante que os povos tradicionais ocupem lugares relevantes no processo de tomada de decisões e rompam com a ideia ultrajante que enquadra o trabalho pesqueiro como uma alternativa ao desemprego em trabalhos industriais e agrícolas. As transformações socioeconômicas devem respeitar os diversos modos de viver e promover a justiça socioambiental dos territórios vulnerabilizados.

A manutenção e valorização da atividade pesqueira local reflete beneficentemente na melhoria das condições de vida e saúde dos pescadores e pescadoras da comunidade quilombola de São Lourenço. A pesca artesanal faz parte da identidade sociocultural desse território tradicional, é uma marca de vida, um modo de viver-fazer e de reproduzir-se no tempo e espaço. Sobretudo, é uma forma de resistência, uma maneira complexa de sociabilidade que quer continuar existindo. Uma forma de ser coletiva que está sendo esmagada pela lógica do capital representado pelas grandes empresas da região.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA-FILHO, N. Modelo de determinação social das doenças crônicas não transmissíveis. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 865-884, abr./maio. 2004.
- AMARAL, J. R. B. C.; BEZERRA, A. C. V.; STEINER, A. Q. Percepção ambiental de pescadores artesanais do Litoral Norte de Pernambuco: uma avaliação através da escala NEP. **OLAM - Ciência & Tecnologia**, São Paulo, v. 1, n.1, p. 102-128, dez. 2013.
- ARAÚJO, C. P.; LUNA, A. O. Goiana: cidade das oportunidades? A produção do espaço urbano resultante da implantação do polo industrial de desenvolvimento norte. **Oculum Ensaios**, Campinas, v. 14, n. 3, p. 577-594, dez. 2017.
- ARAÚJO, I. M. M. **Vulnerabilização em saúde ambiental: o caso da instalação do complexo automotivo no território de Goiana, Pernambuco, Brasil**. 2018. 164 p. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- ARAÚJO, M. E.; RAMALHO, C. W. N.; MELO, P. W. Pescadores artesanais, consumidores e meio ambiente: consequências imediatas do vazamento de petróleo no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 01-06, jan. 2020.
- AUGUSTO, L. G. S.; MERTENS, F. Abordagens ecossistêmicas em saúde, ambiente e sustentabilidade: avanços e perspectivas. **Sustentabilidade em Debate**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 16-22, abr. 2018.
- BAPTISTA, M. M.; LIMA, W. A pesca com a cabrita, um corpo fenomenológico. **Artes, Políticas e Práticas**, Portugal, abr. 2017.
- BARBOZA, R. S. L.; NEUMANN-LEITÃO, S.; BARBOZA, M. S. L.; BATISTA-LEITE, L. M. A. Fui no mangue catar lixo, pegar caranguejo, conversar com o urubu”: Estudo

- socioeconômico dos catadores de caranguejo no litoral norte de Pernambuco. **Revista Brasileira de Engenharia de Pesca**, São Luís/MA, v. 3, n. 2, p. 117-13, abr. 2008.
- BARCELLOS, C. Quem sustenta tanto desenvolvimento? **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 1972-1974, dez. 2009.
- BEZERRA, R. J.; BEZERRA, A. C. V. Desenvolvimento ou crescimento econômico? Os impactos das transformações recentes no município de Goiana, Pernambuco. **Revista de Geografia**, Recife, v. 35, n. 2, p. 180-207, jan. 2018.
- BOURDIEU, P. PASSERON, J. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1975.
- CAMPOS, M. M.; ALMEIDA, L. C.; TIMÓTEO, G. M. Entraves no mercado da pesca artesanal: entre a dependência e a desconfiança. **Novos Cadernos NAEA**, Belém-PA, v. 24, n. 1, p. 205-230, abr. 2021.
- CPRH. Diagnóstico socioambiental do litoral Norte de Pernambuco. 2001. Disponível em: <https://www.yumpu.com/it/document/view/12535189/diagnostico-socioambiental-litoral-norte-cprh> Acessado em: 31 de março de 2020.
- DIEGUES, A. C. **A Pesca construindo sociedades**: leituras em antropologia marítima e pesqueira. São Paulo: NUPAUB-USP, 2004.
- FADIGAS, A. B. M.; GARCIA, L. G. Uma análise do processo participativo para a conservação do ambiente na criação da Reserva Extrativista Acaú-Goiana. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 22, n. 3, p. 561-576, dez. 2010.
- FREITAS, M. B.; RODRIGUES, S. C. A. Determinantes sociais da saúde no processo de trabalho da pesca artesanal na Baía de Sepetiba, Estado do Rio de Janeiro. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, p. 753-764, set. 2015.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- ICMBio. Resex Acaú-Goiana. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2280-resex-acau-goiana>. Acessado em: 15 de junho de 2020.
- LAURELL, A. C.; NORIEGA, M. **Processo de Produção e Saúde**: trabalho e desgaste operário. São Paulo: Editora HUCITEC, 333 p., 1989.
- LOPES, I. B. S.; BEZERRA, M. G.; SILVA, L. R. C. ANDRADE, N. S. M.; CARNEIRO, F. F.; PESSOA, V. M. Saúde das trabalhadoras da pesca artesanal: cenários desconhecidos do Sistema Único de Saúde (SUS). **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 46, p. 1-8, 2021.
- LOPES, V. M. **Etnogeomorfologia costeira e estuarina em comunidades de pescadores artesanais no litoral de Goiana, Pernambuco**. 2017. 170 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- LYRA, T. M.; BEZERRA, A. C. V.; ALBUQUERQUE, M. S. V. Os desafios dos Polos de Desenvolvimento na perspectiva dos atores sociais locais de Goiana, Pernambuco. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 1117-1138, jun. 2015.
- MEDEIROS, M. S. **Condições de vida e de saúde no contexto de uma unidade de conservação ambiental de uso sustentável na Amazônia brasileira**. 2018. 257 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2018.
- MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista pesquisa qualitativa**, São Paulo, v. 5, n.7, p. 1-12, abr. 2017.

- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane, L. 5 ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015. 120 p.
- NETO, I. R. C. **Pescadoras da maré: conhecimento local como subsídio para gestão pesqueira no Nordeste brasileiro**. 2019. 112 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- OLIVEIRA, V. C. A. **De marisqueiras a operárias: experiências de trabalho e gênero nos territórios pesqueiros de Goiana/PE**. 2017. 215 p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- PASCOTTO, V. F. **Pesca artesanal no Rio Grande do Sul: os pescadores de São Lourenço do Sul e suas estratégias de reprodução social**. 2014. 166 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- PATTON, M. Q. **Qualitative Research and Evaluation Methods**. 3. ed. London: Sage Publications, 2002. 688 p.
- PENA, P. G. L.; GOMEZ, C. M. Saúde dos pescadores artesanais e desafios para a Vigilância em Saúde do Trabalhador. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 4689-4698, set. 2014.
- RAMALHO, C. W. N. **O petróleo e os bloqueios à reprodução social da pesca artesanal em Pernambuco**. Texto III. Recife: NUHUMAR-UFPE, p. 01-05a, dez. 2019.
- RAMALHO, C. W. N. **A situação do comércio de pescados em algumas localidades pernambucanas: reflexões preliminares após os vazamentos do petróleo**. Recife: NUHUMAR-UFPE, p. 01-05b, nov. 2019.
- RAMALHO, C. W. N.; MELO, A. A. Uma etnografia dos mestres da pesca artesanal da praia de Carne de Vaca, Goiana, PE. **Revista de Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, Recife, v. 1, p. 50-71, fev. 2015.
- RAMIRES, M.; BARRELLA, W.; ESTEVES, A. M. Caracterização da pesca artesanal e o conhecimento pesqueiro local no vale do ribeira e litoral sul de São Paulo. **Revista Ceciliansa**, Santa Catarina, v. 4, n. 1, p. 37-43, jun. 2012.
- SAMAJA, J. **A reprodução social e a saúde: elementos metodológicos sobre a questão das relações entre saúde e condições de vida**. Salvador: Casa da Qualidade Editora, 2000. 103 p.
- SANTOS, S. L.; AUGUSTO, L. G. S. Modelo multidimensional para o controle da dengue: uma proposta com base na reprodução social e situações de riscos. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 177-196, out. 2011.
- SILVA, I. C. R. **“Marisqueira e quilombola é tudo a mesma coisa”**: um estudo sobre as formas de mobilização política – O caso de Povoação de São Lourenço, Goiana, Pernambuco. 2013. 116 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.
- SILVA, R. M.; AMARAL, A. S. **Processo de trabalho e saúde: manifestações do desgaste da força trabalho no arranjo produtivo de confecções do agreste pernambucano**. In: XVI ENPESS, Vitória/ES, 2 a 7 de dezembro de 2018.
- STADTLER, H. H. C. Mulheres na Pesca artesanal: lutando Por previdência e saúde. **Revista Retratos de Assentamentos**, Araraquara-SP, v. 18, N. 1, p. 91-112, jan. 2015.
- TARGINO, G. D. **“Sobre as águas”**: a tradição da pesca artesanal em três comunidades da Reserva Extrativista Acaú-Goiana. 2012. 254 p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas-SP, v. 22, n. 44, p. 203-220, dez. 2014.
WAGNER, G. P.; SILVA, L. A. A pesca e o pescador: por uma haliêutica historicizada. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre/RS, v. 13, n. 1, p. 1-6, jun. 2020.

Submetido em novembro de 2021

Aceito em março de 2022